

EDITORIAL

**ESPIRITUALIDADE E SAÚDE:
DAS CONEXÕES ORIGINAIS AOS ESFORÇOS DE SEU RESGATE NA
CONTEMPORANEIDADE**

"Há uma circulação comum, uma respiração comum.
Todas as coisas estão relacionadas." (Hipócrates)

"Tuas forças naturais, as que estão dentro de ti,
serão as que curarão tuas doenças." (Hipócrates)

A história do conhecimento humano e a evolução dos significados dos termos apresentam muitas vezes irônicas vicissitudes e interessantes curiosidades. Este é o caso, por exemplo, dos termos espiritualidade e saúde, em nossa Língua Portuguesa. Respectivamente derivados do substantivo latino *spiritus* - "sopro de vida" ou "respiro" (Teixeira, 1999), e do termo latino *salus* - inteiro, intacto, íntegro - ou do latim medieval *sanus* - "puro, imaculado" ou "correto e verdadeiro" (Rey, 1993), ambos os termos sugerem muito mais aproximações naturais de sentido entre si quando considerados a partir de suas raízes etimológicas do que se tomados em seus significados contemporâneos.

Em outras palavras, enquanto a etimologia latina do termo espiritualidade remete ao verbo "respirar", ou ao sopro que dá e mantém a vida, a do termo saúde remete à qualidade dos seres íntegros, indenes e genuínos. Muito fácil, portanto, deduzir daí uma relação quase que direta e imediata entre ambos: a integridade e a pureza, ligadas à noção de saúde, seriam alcançadas e mantidas justamente graças ao princípio animador e vital, ligado à de espiritualidade. Entretanto, se considerarmos as definições contemporâneas frequentemente dadas às noções de espiritualidade e saúde, fica já mais difícil enxergar, de imediato, alguma proximidade entre ambos a partir dos seus significados, o que se torna ainda mais complexo devido à polissemia característica do primeiro termo.

Como bem acentua Teixeira (1999, p. 238-239), lentamente, no decorrer da história e da evolução do pensamento filosófico, foi ocorrendo a passagem de uma distinção mais nítida entre a ordem espiritual e a simplesmente psíquica, de modo que o termo espiritualidade passou a ser tomado, algumas vezes, como

sinônimo de “funções superiores do homem”, tais como “o pensamento intelectual (conceitual, judicativo e discursivo), o querer deliberado, a criatividade, ética, político-cultural e estética, a reflexão filosófica em geral, a experiência religiosa, a personalidade livre”.

Paralela e paradoxalmente, entretanto, o termo espiritualidade é também empregado, no âmbito da linguagem religiosa, para se referir ao contato com o transcendente ou com “substâncias incorpóreas”, como anjos, demônios e almas dos mortos (Abbagnano, 2007), e, no âmbito da razão materialista, para se caracterizar como restrições do aqui-e-agora e do imediato, como expressões ligadas ao concreto, ao material, ao corporal (Paiva, 2015). No movimento pendular deste paradoxo, onde o material pode ser vivido como espiritual, ou onde a razão instrumental capitalista simultaneamente oferece e rejeita variadíssimas modalidades de espiritualidade, há ainda aqueles que reconhecem à noção de espiritualidade um outro modo de racionalidade, que não aquele “do tipo propriamente hiper-racional, geralmente atribuído ao conhecimento científico” (Paiva, 2015, p. 4.)

Enquanto isso, de outro lado, o termo saúde também passou por sucessivas definições. Assim, depois de ser, por muito tempo definida como a ausência de doença, saúde passa a ser considerada oficialmente, segundo a Organização Mundial de Saúde (1946), como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”. Desse modo, passa a se constituir num valor muito mais da comunidade do que propriamente de um indivíduo em particular.

Este cenário conceitual, agora dicotômico e, simultaneamente, multifacetado, demanda então todo um cuidadoso trabalho por parte de pesquisadores e estudiosos interessados no tema, o qual deve sempre se iniciar por explicitar e fundamentar os sentidos específicos em que ambos os termos são tomados. Ainda assim, ou talvez até por isso mesmo, avolumam-se as polêmicas em torno do binômio espiritualidade e saúde. Isso fica ilustrado quando se considera, por exemplo, as diferenças de posições entre famosos estudiosos ao se pronunciarem sobre as relações positivas ou negativas entre fé e saúde.

Caso paradigmático do exposto acima, na contemporaneidade, é a grande diferença de posições entre dois eminentes pesquisadores americanos: Richard P. Sloan, professor de Medicina Comportamental na Universidade da Colúmbia,

e Harold G. Koenig, diretor do Centro para Teologia, Espiritualidade e Saúde e Professor de Psiquiatria e Ciências do Comportamento da Duke University. Sloan (2006), autor do livro *Blind Faith: The Unholy Alliance of Religion and Medicine*, assume posição ferrenhamente crítica à grande maioria das pesquisas que buscam aproximar fé e saúde, chegando a considerá-las uma afronta à ética médica. Já Koenig, autor de mais de 40 livros – sendo um deles lançado no Brasil há poucos anos, sob o título “Medicina, Religião e Saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade” (Koenig, 2012) –, mais de 300 artigos científicos e 60 capítulos de livros sobre a espiritualidade e sua influência sobre a saúde, defende a tese de que a fé religiosa ajuda a reduzir o estresse, leva à aquisição de hábitos mais saudáveis, oferece conforto em momentos difíceis, levando, por consequência, a muitos benefícios para a saúde física e mental.

Boa parte, se não todas, das aparentemente tão radicais diferenças de posições entre os dois reconhecidos pesquisadores – e tantos outros/as! – podem ser contextualmente relativizadas – embora não sem dificuldades! – ao se analisar cuidadosamente os conceitos que tomam como pressupostos para suas respectivas afirmações. Se, por um lado, os conceitos e metodologias que adotam não estão livres de seus próprios vieses, de ordem filosófica, ideológica, política ou religiosa, de outro lado o cuidado de explicitá-los claramente pode favorecer a comunicação no âmbito desta verdadeira Torre de Babel histórico-contemporânea em torno do binômio espiritualidade e saúde e suas relações com outros que, automaticamente, lhe são próximos ou correlatos: religiosidade e qualidade de vida, religião e hábitos saudáveis, fé e bem estar, experiência religiosa e saúde mental, só para citar alguns.

Temos assistido, portanto, nas últimas décadas, grandes esforços de refinamento teórico-conceitual, em torno desse binômio, multiplicando-se significativamente o número de publicações a ele concernentes. Alguns desses refinamentos reforçam sua aproximação com os outros binômios relacionados acima, enquanto outros buscam promover justamente o seu distanciamento. De todo modo, independentemente das soluções propostas, sejam elas de inserção parcial, de sobreposição e identidade total, de diferenças de intensidade, ou ainda de inclusão de uma no campo da outra, uma coisa é certa: pesquisadores e profissionais de diversas áreas, humanas, sociais e da saúde, assim como também a própria população, no mundo inteiro, têm cada vez mais reconhecido a importância da dimensão espiritual ou religiosa para a saúde, voltando a atenção para suas possíveis interconexões.

Dentre as temáticas que têm sido mundialmente objetos de investigações, buscando compreender as interconexões entre os polos do referido binômio, têm se destacado as seguintes: espiritualidade e atividade imunológica, práticas espirituais (meditações, preces, *mindfulness*, dentre outras) e longevidade, espiritualidade e saúde mental, espiritualidade e qualidade de vida, espiritualidade e cuidados paliativos, espiritualidade e envelhecimento, papel da espiritualidade no tratamento e na recuperação de doenças crônicas, papel da espiritualidade no manejo clínico e no cuidado terapêutico por parte de diferentes profissionais de saúde (psicologia, medicina, enfermagem, serviços social, capelães), enfrentamento religioso / espiritual a diversas condições estressantes e traumáticas e seus reflexos sobre a saúde física e mental, metanálises e elaboração / validação de instrumentos de investigações em espiritualidade e saúde, dentre outros.

Simultaneamente, observa-se o significativo crescimento do número de centros de estudos e associações de pesquisa que se dedicam à investigação do tema, dentre os quais se destacam: *American Psychological Association, Division 36: Society for the Psychology of Religion and Spirituality; Center for Spirituality, Theology and Health – Duke University Medical Center; Division of Perceptual Studies (DOPS); Faraday Institute for Science and Religion – University of Cambridge; Ian Ramsey Centre for Science and Religion – University of Oxford; Spirituality and Psychiatry Special Interest Group – Royal College of Psychiatrists; The George Washington Institute for Spirituality and Health; World Psychiatric Association Section on Religion, Spirituality and Psychiatry; International Association of Psychology of Religion; Società Italiana di Psicologia della Religione; Research Institute for Spirituality and Health in Switzerland and Europe; o Grupo de Trabalho sobre Psicologia & Senso Religioso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia e o Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde – Universidade Federal de Juiz de Fora, estas duas últimas em nosso país.*

Especificamente no contexto brasileiro, diversos levantamentos sistemáticos de literatura (Paiva et al., 2009; Corrêa, 2014; Marques & Rigo, no prelo) têm apontado a significativo crescimento de publicações concernentes ao tema nas últimas décadas, sendo que a maioria delas tem se voltado para os seguintes tópicos: espiritualidade ou religiosidade e saúde mental; perspectivas e manejos da espiritualidade e religiosidade por parte dos profissionais da saúde; interações entre religiosidade, espiritualidade e processos de saúde e doença.

Nesse último caso, destacam-se os estudos que buscam identificar as relações entre espiritualidade e a evolução de patologias específicas, em especial, da oncologia; o *coping* religioso espiritual e a qualidade de vida; as relações entre espiritualidade e envelhecimento, além do papel da religiosidade / espiritualidade na prevenção ou no tratamento do abuso de substâncias químicas.

Entretanto, a despeito desse importante crescimento das pesquisas nesse campo em nosso país, continua sendo atual a avaliação realizada por Moreira-Almeida (2007) há quase dez anos: tais estudos ainda não são bem conhecidos no exterior e carecemos ainda de revisões abrangentes da literatura internacional facilmente acessível para jovens pesquisadores e clínicos de Língua Portuguesa. Ao disponibilizar este dossiê, especificamente sobre o tema espiritualidade e saúde, a Revista Interações vem contribuir nestas duas direções, simultaneamente tornando mais conhecidas no Brasil as pesquisas concernentes ao tema realizadas em outros países, como também propiciar a divulgação internacional de pesquisas desenvolvidas na realidade nacional.

Marta Helena de Freitas

*Profa. Dra. Marta Helena de Freitas - Universidade Católica de Brasília
Coordenadora do GT "Psicologia & Religião" - ANPEPP*

REFERÊNCIAS

CORRÊA, C. V. **Coping religioso/espiritual (CRE):** revisão da produção em periódicos brasileiros e a sua utilização em profissionais da atenção à saúde mental do litoral do Paraná. Dissertação de Mestrado em Psicologia defendida na Universidade Federal do Paraná, 2014. [Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/42925>>. Acesso em: 01 dez. 2016.]

KOENIG, H. G. **Medicina, Religião e Saúde:** o encontro da ciência e da espiritualidade. Porto Alegre: L & PM Editores, 2012.

MARQUES, L. F.; RIGO, R. M. A produção científica atual (2008– 2014) em Psicologia da Religião e da Espiritualidade no Brasil. In: FREITAS, M. H.; Zaneti, N. B. PEREIRA, S. H. (Orgs.). **Psicologia, religião e espiritualidade:** estudos contemporâneos no contexto brasileiro. Curitiba: Juruá, 2016 (no prelo).

MOREIRA-ALMEIDA, A. **Espiritualidade e saúde**: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora. *Rev. psiquiatr. clín.* (São Paulo), v. 34, supl. 1, p. 3-4, 2007.

PAIVA, G. J. **Religiosidade clássica, espiritualidade contemporânea e qualidade de vida: discussões psicológicas**. *Relegens Thréskeia*: estudos e pesquisa em religião, v. 04, n. 01, p. 1-13, 2015.

PAIVA, G. J. et al. **Psicologia da Religião no Brasil**: a produção em periódicos e livros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 3, p. 441-446. 2009.

REY, A. *Dictionnaire Historique de la langue Française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

SLOAN, R. P. *Blind Faith: the unholy alliance of Religion and Medicine*. New York: St. Martin's Press, 2006.

TEIXEIRA, J. S. Espírito. In: CABRAL, R. e colaboradores (Eds). **Logos**: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Lisboa / São Paulo: Verbo, 1990, p. 238-248.